

Exposição de Rodrigues Lima em cartaz na Galeria Gamela

Composta por 20 obras inéditas, a individual se intitula Infinitos ventos e ficará em cartaz até o próximo dia 29

Guilherme Cabral
guijb_jornalista@hotmail.com

Vinte obras - entre as quais telas pintadas a óleo, acrílico e alguns nanquins, além de peças de porcelanas, todas inéditas - integram a exposição intitulada Infinitos ventos, que o artista plástico paraibano Rodrigues Lima abre hoje, a partir das 19h01, na Galeria Gamela, localizada na cidade de João Pessoa. A individual vai permanecer em cartaz para a visitação do público até o dia 29 deste mês de setembro. "Trago essa série de imagens inéditas e confesso que se trata de uma novidade estética que construo em minha poética artística, que está fundamentada em minhas memórias afetivas de infância que trago do Sítio Serra Velha", disse ele para o jornal **A União**.

"Essa minha nova série me conduz a estado de contemplação sobre a natureza, a partir de alguns elementos que integram a paisagem da minha narrativa poética, construída a partir das minhas memórias de infância vivida em Serra Velha. Em cada trabalho produzido represento cenas e objetos que ganham novas dimensões e significados, explorando diferentes perspectivas, construindo e reconstruindo novos conceitos e, nesse leque de possibilidades que a pós-modernidade nos propõe, aproprio-me da Persistência da Memória, de Salvador Dalí, trazendo um novo conceito para uma reflexão sobre este momento de tantos conflitos e incertezas em que o Brasil está vivendo em todas as esferas", acrescentou Rodrigues Lima, ao falar sobre a exposição Infinitos ventos, cujo texto de apresentação é assinado pelo sociólogo e poeta, Marcus Alves.

Rodrigues Lima se inspira em Salvador Dalí (1904



O artista visual Rodrigues Lima (destaque) e a obra 'Árvores I' (lado) produzida em acrílico sobre tela

- 1989) e justifica a razão. "Ao me apropriar da obra A Persistência da Memória, de Dalí, relacionando à minha paisagem, atento aos últimos acontecimentos do nosso país, encontro uma excelente "munição" estética capaz de provocar possíveis reflexões sob diversos aspectos: histórico, político/ social... Ora, quem será o salvador Dalí? A intenção, na verdade, não é dar uma aula sobre História da Arte, ou falar sobre especificamente do artista espanhol Salvador Dalí, nem tampouco falar da salvação dentro de um contexto espiritual da fé cristã, mas, talvez, provocar, no indivíduo, uma reflexão para a formação de uma consciência política no campo da subjetividade", disse ele.

"Esse jogo ambíguo que produzo em minhas palavras tem, como pano de fundo, uma releitura de Dalí, onde trago uma representação do Congresso Nacional e da barreira do Cabo Branco, monumento natural, patrimônio da humanidade, tão defendida, tão pintada pelo meu mestre imortal Hermano José (1922 - 2015), a quem faço uma homenagem nesta mostra, aponta para al-

guns gargalos que, até o presente, apesar da nitidez para os caminhos das possíveis salvasões, a atmosfera negativa e a fumaça negra das políticas não públicas, mas puramente narcisistas e partidárias, impedem vislumbrarmos um futuro melhor", disse ele.

Rodrigues Lima produziu a individual Infinitos ventos com um viés crítico. "Quem será o salvador da Barreira do Cabo Branco? Cenário de inspiração e persistência para o nosso maior ícone das artes plásticas da Paraíba, nosso imortal Hermano José? Quem será o salvador da Pátria brasileira para diminuir as diferenças sociais existentes na atualidade, tornando-nos cidadãos mais humanizados e sensíveis com as causas uns dos outros? Quem será o salvador dos nossos monumentos históricos, patrimônios históricos artísticos / culturais que, em pleno século XXI, têm, literalmente, se transformado em cinzas e fumaças, como o exemplo do Museu Nacional do Rio de Janeiro? Quem será o salvador do sistema educacional brasileiro, que agoniza sem encontrar saídas eficientes para formar cidadãos conscientes de

seu papel na sociedade na qual está inserido? Quem serão os salvadores dos princípios e valores do ser humano que, na atualidade, têm se abstraído nas futilidades do mundo pós-moderno", questionou ele.

"Ao pintar um plantio de guarda-chuvas, de forma lúdica e descontraída, busco representar, plasticamente, uma possibilidade de armazenamento das águas que periodicamente lavam o nosso lindo Nordeste, a nossa linda paisagem vitimada pela imensa maioria dos inúteis representantes políticos que não conseguem enxergar a paisagem nordestina como um solo rico e produtivo para seu povo em todos os aspectos. Pintar um Nordeste vivo, com abundância de águas e uma imensa variedade de cores e flores, é alimentar a alma com o sonho de viver a vida de forma poética e



inspiradora", prosseguiu ele.

"Em minha paisagem comumente vista do alto, proporcionando ao espectador um olhar contemplativo sobre a exuberância da natureza, especialmente nesta série, sem fugir à minha poética, redireciono esse olhar para uma nova perspectiva pouco explorada nas composições paisagísticas, fazendo um mergulho em universo que transcende os limites das mais altas topografias do meu imaginário e elevo as minhas frutas de Serra Velha às nuvens, dando-lhes, talvez, proporções surreais, diferentes formas e conceitos a cada objeto representado", concluiu Rodrigues Lima.

Sobre o artista

Natural do Município de Itatuba, localizado na região Agreste do Estado da Paraíba, Rodrigues Lima - que, também,

é cantor, compositor e formado em Educação Artística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pós-graduando em Designer e Arquitetura de Interiores pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê) - atua profissionalmente como artista plástico desde 1994 e, ao longo dos anos, já realizou exposições individuais e coletivas pelo Brasil, inclusive com premiações em salões e festivais.

SERVIÇO

- **Exposição:** Infinitos ventos
- **Artista:** Rodrigues Lima
- **Abertura:** Hoje
- **Hora:** 19h01
- **Local:** Galeria Gamela, em João Pessoa
- **Endereço:** Rua Nossa Sra. dos Navegantes, nº 756, bairro de Tambaú

Show

Músico Victor Figueirêdo mixa erudito e popular hoje na Funesc, na capital

Jámarri Nogueira
jamarrinogueira@gmail.com

Você sabe onde a música de Heitor Villa-Lobos se encontra com a sonoridade de Chico Science??? Victor Figueirêdo sabe e mostrará o resultado em que show que realiza hoje, dia 14, na Sala de Concertos Maestro José Siqueira, na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), em João Pessoa. A proposta é - conforme o artista - trazer "novas cores e novas sensações para os ouvidos".

A apresentação começa às 20h e - em seu projeto mais recente - Victor promete trazer uma nova experiência para a plateia, inspirado em grandes artistas brasileiros em diferentes

cenários, como o erudito Villa Lobos e o popular Chico Science. Os ingressos custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia). Venda acontece na bilheteira da Sala de Concertos (que abre uma hora antes do início do show).

"O show vai ser bem cheio! Na formação do show tenho um coral, harpa, tuba, trio de metais, além de grandes participações. O repertório é bem eclético. Vamos do Nordeste ao Norte do Brasil e ainda fazendo citações de ritmos latino-americanos, como salsa e cumbia", informou Victor Figueirêdo.

O músico é responsável por todos os arranjos desse show e disse ter sido influenciado por parcerias com outros projetos, como

os grupos Câmena (de música antiga), Mosayco Flamenco, Angá, Dois Africanos e orquestras sinfônicas por onde Victor passou. Uma deliciosa colcha de retalhos!!!

Em agosto deste ano, o percussionista Victor Figueirêdo participou do espetáculo 'Canções de amor e tormento', juntamente com o grupo Camena, no Centro Cultural São Francisco, no Centro de João Pessoa. Espetáculo teve luz e direção de cena de Jorge Bweres. A cantora Tâmara Cruz e o saxofonista José de Arimatéia (Teinha), foram os convidados especiais.

"Todos ritmos e estilos usados no show desta sexta-feira são interligados e conversam entre si com fa-

cilidade e harmonia", disse Victor Figueirêdo. E acrescentou: "Claro que sempre tem uma pitada de loucura nesses arranjos, o que resulta em novas cores e sensações para todos nós".

Cantando a cidade

A ideia de juntar vários estilos musicais sempre esteve presente nos trabalhos musicais de Victor Figueirêdo, um músico sempre focado em amalgamar o erudito e o popular. Ele diz que esse novo trabalho pretende também criar uma nova visão e abrir caminhos para novos tipos de sonoridades. A base da construção musical envolve maracatu, carimbó, forró, funk e hip-hop. Envolve vários gêneros e envolve, claro, a plateia.



O artista promete "novas cores e novas sensações para os ouvidos"

No show de hoje, na Sala de Concertos, Victor Figueirêdo contará com a participação de Bruno Lubambo (guitarra), Cris (harpa), Mathews Asaph (tuba), Rodrigo Melo (bateria), Cassio Vieira (trombone), Ramon Diego (trompete) Moisés (sax barítono) e o Coral Mosaico, do CCTA da UFPB.

O show é um passeio pela cidade de João Pessoa. Não à toa, estão no repertório

as músicas 'Parahyba' (da banda Macumbia) e 'Roda a saia', de Madu Ayá. E segue com canções falando sempre das belezas e riquezas da região metropolitana de João Pessoa. O repertório também fala do dia a dia do paraibano que vive em bairros como Mandacaru ('No Barraco', de Tiago Sotero), e retrata a violência cotidiana em canções como 'Peleja do Sebastião'.